

Coreógrafo, linguista, bailarino, performer, intérprete começou sua vida artística em Uberlândia e vive atualmente em Paris, depois de ter morado em Berlim durante três anos. Transita seus projetos, principalmente no eixo Paris-São Paulo-Uberlândia e se desloca até onde a pesquisa e a criação o provocarem. A partir de seu website, começa seu deslocamento pelo mundo e em algum momento lá está o Wagner, também fisicamente, em residências artísticas, espetáculos, festivais, jornais para apresentação de seus trabalhos.

PIRANHA_ “UMA PESQUISA QUE SE SEGUE NO TEMPO”.

Wagner Schwartz desenvolveu e desenvolve uma pesquisa coreográfica com subsídio do Programa Rumos Itaú Cultural Dança 2009/10. PIRANHA é constituída por uma série de trabalhos apresentados em março de 2010, dezembro de 2010, em São Paulo, ampliados em links, onde o artista Wagner Schwartz oferece textos, vídeos, movimentos, tipografias. É itinerante, retratando ciclos, transformando-se incessantemente em cada um deles como se fosse único, mas veloz, intenso, agregando ao mesmo tempo que muda. E carrega o leitor, o expectador que vivencia na rede o momento de PIRANHA, podendo até se identificar com ela.

LB_ Wagner, a estrutura da performance PIRANHA representa momentos de um conjunto de experiências que aparentam ser uma obra. Fale-nos sobre os temas abordados nesta dramaturgia.

Os temas mais acessíveis no trabalho são as relações interculturais de um estrangeiro em lugares a serem reconhecidos. Um estrangeiro afastado de seu bando e, experienciando, em exílio cultural, as possibilidades de se viver, sobreviver ou surpreender. Piranha é a metáfora do dia-a-dia em um processo rigoroso de tradução.

“Somos todos “outros”, parte de um bando e a metáfora do corpo piranha potencializa essa discussão”

LB_ Como você decidiu que a piranha ia ser a protagonista/metáfora da sua pesquisa, enfocando a antropofagia do séc. XXI, hoje no seu dizer, mais o endocanibalismo?

Piranha é um nome internacional cheio de informações agregadas pelo tempo. Esse nome foi a escolha mais importante que fiz para o trabalho, porque ele representa a redução simbólica das experiências que tive ao longo dos 4 últimos anos de percurso entre São Paulo, Berlim e Paris. Nesses lugares, a Piranha é conhecida por sua ferocidade, potência e distinção. Nesse caso, como a relação cultural brasileira já não se reduz mais em “comer o outro” [ideia desenvolvida por Oswald de Andrade], por que o estrangeiro sou eu entre os outros, quero dizer, ocupamos um mesmo espaço globalizado, as relações mudam de perspectiva. Somos todos “outros”, parte de um bando e a metáfora do corpo piranha potencializa essa discussão.

LB_ Em 2011, quando PIRANHA será apresentada em palcos brasileiros?

A estreia do espetáculo “Piranha” e do filme “Piranha: Dramaturgia da Migração” será dia 14 de maio em Porto [Portugal] no festival Fábrica de Movimentos. Temos data para o Chile, mas para o Brasil, Gabriela Gonçalves e o Núcleo Corpo Rastreado/SP [produtores] ainda estão cuidando do agendamento. Todas essas informações serão precisamente divulgadas no site wagnerschwartz.com

LB_ Ao tornar disponível a sua parceria com amigos, artistas, pesquisadores, você aposta no tempo das redes. Conte-nos um dos episódios que o surpreendeu num desses momentos de troca e soma.

A piranha é um peixe que vive e ataca em bando. Eu já me emocionei muito nessa pesquisa, nos detalhes que vou aprendendo sobre a vida desse animal em particular e sobre as metáforas que se somam na relação entre os colaboradores e eu. Eles são poucos, mas muito presentes. Andamos em bando, mesmo que estejamos, muitas vezes, distantes. A relação não acaba na dicotomia longe e

perto, mas ela se dilata, juntamente com o tempo-espço. Uma das surpresas mais recentes aconteceu com o contato que fiz com meu antigo professor de literatura Aldo Luís Bellagamba Colesanti. Ele é um dos mestres vivos da literatura brasileira. Depois de anos sem o ver ou sem entrar em contato com ele eu lhe enviei um e-mail com o texto que faz parte do filme “Piranha: Dramaturgia da Migração”. A resposta foi instantânea, e acho que posso dividi-la com vocês: “Muito interessante o fato de que tua grande metáfora – PIRANHA – nade sofregamente numa sintaxe seca. A impressão que tive o tempo todo foi essa: a de que hoje nadamos, inclusive, em qualquer lugar do mundo, em água seca, se peixe somos...” É impossível não se emocionar com tanta generosidade.

LB_ Wagner, que sentimentos o acometem ao se debater com a piranha?

“– Não me pergunte o que eu vim fazer aqui. Essa pergunta é muito difícil.” Essa é uma das frases que estão no filme e, talvez a que se aproxime mais desse estado de confronto entre o corpo e as imagens do pensamento. A coreografia é feita a partir das relações mais íntimas com esse universo que produz sensações voluntárias e involuntárias. Os movimentos do peixe-homem se ajustam a esse procedimento cruel e, também, apaziguador.

LB_ Quando ela é você e quando é o outro? Ou predomina a simbiose?

Aquilo que predomina é a semiose! A semiose é um fluxo que não se interrompe nunca. E existe porque um signo está sempre produzindo a sua continuidade. Tudo o que se coloca no mundo segue um caminho próprio, que é esse de produzir a sua continuidade. A semiose é o nome desse fluxo que não estanca e não se estanca. Porque mesmo quando algo morre, a morte continua produzindo a sua continuidade. O que desaparece não fica como se nunca tivesse existido. O que desaparece permanece na forma de desaparecido.

LB_ Wagner, seu movimento fragmentado consegue fazer da instabilidade a estabilidade contemporânea: mudança contínua, tudo inacabado ou procrastinando o fim que não chega, invadido sempre pelo novo; mas um fenômeno singular é que você consegue manter uma cadeia estrutural. Qual a sua rotina de trabalho para chegar a esse resultado?

Não há uma rotina de trabalho. Essa palavra é muito dura, assim como o conceito de “novo”. Existe uma relação espontânea entre as coisas do mundo e eu. Elas são vivas e eu [você] também. Elas têm um movimento e eu [você] também. Acredito que o que seja incansável e, que talvez você chame de estrutura, é a coreografia que faço do que é possível do espaço contemporâneo. Sua complexidade exige tempo, técnica, estudo, confrontação. Uma relação direta com suas entidades, com seus objetos.

LB_ Um olhar para você mesmo e uma palavra que o autobiografe.

O bando-e-a-reclusão.